



Geneviève LIEUTAUD-LALIK

*Conservatoire National de Arts et Metiers
(CNAM)*
genevieve.lia@gmail.com

**TRADUÇÃO DO FRANCÊS
PARA O PORTUGUÊS**

Rosemeire Reis

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
reisroseufal@gmail.com

Camila Aloisio Alves

Faculdade de Medicina de Petrópolis (FMP)
camila.aloisioalves@gmail.com

ENCONTRO E TRANSCRIÇÃO, MOMENTOS CHAVES DA PESQUISA BIOGRÁFICA

RESUMO

Na França os jovens adultos defrontam-se com a proposta da justiça de uma formação profissional, que é a última proposição educativa do juiz para que se insiram futuramente na sociedade. O trabalho de pesquisa consiste em estudar o que os jovens compreendem sobre essa formação, o que dela apropriam e como reconfiguram o que aprendem em função de suas condições. As entrevistas de pesquisa biográfica e suas interpretações fornecem a possibilidade de compreender o processo de formação que ocorre nesse contexto específico. Uma parte delicada do trabalho de pesquisa refere-se à obtenção das informações junto a esse grupo, o que demanda uma abordagem singular. Esse aspecto é o foco desse artigo.

Palavras-chave: Pesquisa Biográfica. Formação profissional. Jovens adultos.

MEETING AND TRANSCRIPT, KEY MOMENTS OF THE BIOGRAPHICAL RESEARCH

ABSTRACT

In France, young adults are offered by the courts a vocational training, the judge's ultimate educational proposal to encourage them to integrate into society. Our research work consists of knowing what they understand about this training, what they retain and how they reconfigure what they learn according to who they are. Biographical research interviews and their interpretations give us the opportunity to understand the training process at work in this particular context. A delicate part of the research work consists of collecting data from them, which requires a singular approach. This is the aspect that will be our article.

Keywords: Biographical research. Professional training. Young adults.

Submetido em: 07/11/2017

Aceito em: 25/03/2018

DOI: 10.28998/2175-6600.2018v10n20p52

1 INTRODUÇÃO

A abordagem biográfica consiste em compreender como um indivíduo enquanto sujeito único e singular constrói-se de acordo com suas experiências (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 74). Explico por que, do meu ponto de vista, é importante que essa abordagem metodológica seja fundada em três partes. A primeira é apreender uma narrativa, um discurso durante as entrevistas. A segunda diz respeito à transcrição da fala a partir da escrita. O terceiro visa analisar o discurso. Na primeira fase o encontro e a subjetividade das pessoas presentes são decisivos. Ao contrário do que acontece em certos campos científicos, não é apenas uma questão de coletar dados, mas de fazê-los emergir através do encontro. A segunda fase envolve um recuo em relação ao que foi expresso durante a entrevista. O terceiro é baseado nos pressupostos de uma metodologia que interpreta diferentes formas de discurso e os modos de ação (DELORY-MOMBERGER, 2014).

No âmbito de minha pesquisa optei por conversar com jovens adultos a partir dos pressupostos da pesquisa biográfica, porque contribuição desta abordagem parecia evidente. De fato, o cerne dessa metodologia está no encontro com o outro, o que não se diferencia do trabalho dos etnólogos¹.

Durante as entrevistas, existe, por um lado, o entrevistado, por outro lado, o entrevistador e o que acontece entre essas duas pessoas num dado momento. É nesse "entre" (JULIEN, 2012) que o que parece inexplicável, intraduzível é perceptível e obedece a uma certa coerência. François Julien refere-se ao "entre" como essa lacuna que permanece e que permite uma abertura, um espaço de reflexão.

[...] a lacuna faz com que culturas e pensamentos apareçam como tantas fecundidades (...) a lacuna não leva a arrogar uma posição de pendor a partir da qual haveria a organização de diferenças. Mas, através da abertura de um distanciamento pode-se estabelecer uma postura recíproca de um pelo outro: onde um se descobre em si mesmo a partir do olhar do outro, da relação com o outro. (JULIEN, 2012, p. 9).

Esses momentos de suspensão permitem uma entrada em uma temporalidade que pertence somente ao que se vivencia durante as entrevistas. Essa temporalidade ajuda a uma imersão no contexto e no percurso de vida do entrevistado.

¹ « *La rencontre avec « l'informateur » constitue le socle de l'ethnologie (FAVRET, 1981, 335), « l'interview » en est le moment crucial ».* Marchand « De la parole échangée au texte scientifique. In bulletin de l'association française des anthropologues, n°32-33, septembre-décembre 1988. Chercheurs et informateurs : Tome 1. pp. 21-33. O encontro com o "informante" constitui a base da etnologia (FAVRET, 1981, p. 335), a entrevista é o momento crucial.

Assim, em primeiro lugar apresento o desenvolvimento das entrevistas e os indícios de seus efeitos sobre os jovens, sabendo que para estes as entrevistas são momentos imprevisíveis, porém eles são por mim antecipados e preparados. Para esclarecer meu ponto de vista, recorro, antes de tudo, à explicação de Franco Ferrarotti

[...] Cada entrevista biográfica é uma interação social complexa, um sistema de papéis implícitos, expectativas, injunções, normas e valores, muitas vezes também sanções (...). Você não conta sua própria vida e sua própria *Erlebnis*² a um gravador; eles são informados a outro indivíduo. As formas e conteúdos de uma escrita biográfica variam de acordo com o interlocutor; elas dependem da interação representada pelo campo social da comunicação. Elas se situam no interior de uma reciprocidade relacional. O entrevistador não está nunca ausente, mesmo que ele tente se colocar como ausente; ele é sempre o interlocutor mesmo que, aparentemente, ele recusa qualquer reciprocidade³. (FERRAROTTI, 2013, p. 54-56)

Afim de abordar a subjetividade de cada um, as entrevistas de pesquisa biográfica surgiram nesse estudo como uma necessidade. Este método permite colocar em relevo biografias individuais. O discurso apreendido sob o prisma dessa abordagem possibilita compreender a reconfiguração que os sujeitos realizam dos eventos passados. No cerne do discurso encontra-se o sentido da existência tanto do indivíduo quanto da proposta de formação. Por um lado, há os jovens em formação e de outro os objetivos do serviço de formação. Com isso, a questão que se coloca seria: como, diante dessa tensão, os jovens avançam e apreendem a formação solicitada?

O objetivo das entrevistas é de compreender como o processo de formação é apreendido por jovens adultos. O que eles entendem sobre essa formação? O que eles retêm? Eles aprendem o *metier* proposto? A aprendizagem é perceptível no seu discurso? Como os jovens adultos evocam sua formação?

A pesquisa biográfica permite uma interpretação do discurso que nos dá a oportunidade de compreender como o indivíduo se torna um indivíduo de acordo com suas experiências (DELORY-MOMBERGER, 2014). Através do discurso, das frases proferidas, da maneira como o discurso é acolhido, o entrevistador pode melhor compreender o contexto histórico, cultural, econômico, enfim, a vida social do entrevistado.

Identifico que o encontro e o modo de “recolher” o discurso são decisivos para a sua interpretação. Podemos ver também como o espaço do diálogo, para além das perguntas colocadas e nomeado como “entre” por François Julien, permite uma reflexão durante as entrevistas. Esse é o material com o qual o pesquisador deve trabalhar.

² *Erlebnis* : experiência vivida (DELORY-MOMBERGER, 2014)

³ FERRAROTTI, F. *Histoire et histoires de vie*. La méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Téraèdre, 2013, 1981, p 54-56.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA E SUA PROBLEMÁTICA

O que escolhi apresentar é o do meu trabalho de pesquisa com jovens adultos que integram a formação para o trabalho após uma audiência criminal e que, portanto, realizam uma formação definida por uma ordem judicial. O terreno de pesquisa em questão é um serviço de Proteção Judiciária da Juventude (PJJ). Na realidade, nesse estudo os profissionais formam os jovens acolhidos em um restaurante de aplicação, no qual jovens adultos aprendem o metiê de cozinhar ou de garçom. Antes do encontro com o juiz, um educador da PJJ contata o serviço para identificar se há a possibilidade de que o jovem em questão pode integrar a formação fornecida.

Para estabelecer um primeiro contato, primeiramente fiz uma consulta com o departamento para conhecer toda a equipe. Durante esse primeiro encontro apresentei o projeto de pesquisa para a direção, ao chefe do departamento e à toda equipe de supervisão formada por um educador, uma professora, uma assistente social e um chefe de cozinha que imediatamente aceitaram o projeto. Conheci também os jovens em formação, mas pensava que a priori seria difícil convencê-los a aceitar a participar da entrevista com uma pessoa que vinha de fora e que eles não conheciam.

O problema de pesquisa parte do pressuposto de que os jovens adultos não integram a formação para o metiê de modo deliberado ou espontaneamente. O pedido de formação é iniciado pelos profissionais da PJJ, a fim de permitir que indivíduos em situação de vulnerabilidade social possam se integrar através da formação para os adultos. Todos os jovens em formação têm um passado que os qualificam como delinquentes. Eles cometeram atos ilícitos por lei. Eles têm acumulado diversas penas que não foram concretamente executadas ou que foram executadas parcialmente. Na verdade, na França, a justiça para crianças é especializada e adaptada. As sentenças não podem ser imediatamente implementadas para permitir que os jovens se recuperem. O juiz pode decretar a anulação da condenação ou deixá-las suspensas, desde que a formação se desenvolva sob os melhores auspícios e que haja regularidade no acompanhamento dos cursos, tanto práticos como teóricos.

Em geral, a organização da educação de adultos permite aos indivíduos adentrarem em um processo de formação profissional que os ajude à saírem transformados para além da profissão que eles aprendem. Aliás, essa questão pode ser abordada durante a formação. Entender o que se passa e o que está em "jogo" quando essa formação é colocada em prática, em uma estrutura de justiça e para alguns jovens sob a restrição, abre perspectivas. Essa particularidade pode contribuir para a identificação de problemas e

estratégias desenvolvidos por indivíduos em um contexto que se pode qualificar como extremo.

As temporalidades que eles vivenciam (ROQUET et al., 2013)⁴ e que os atravessam, assim como seus modos de agir no curso, são, de certa forma, colocados em evidência durante as entrevistas biográficas. Para melhor compreender essa realidade, foram realizadas várias entrevistas com os sujeitos durante o período de uma formação.

Pode-se entender que as pessoas em formação sob restrição judicial encontram-se, por um lado, numa relação que pode ser qualificada como singular no que diz respeito à noção de transgressão. Por outro lado, eles têm necessidade de reconhecimento da sociedade (sanção de um título, reconhecido pelo estado e que eles recebem no final da formação caso passem no exame).

A aceitação imediata destes jovens em participar da pesquisa e serem entrevistados diante de um contexto que não lhes permitia prever, revelam alguns indícios sobre suas implicações e engajamentos. A situação inicial de restrição se transforma em engajamento profissional e a aceitação dos jovens de dar sua palavra se apresenta como um reconhecimento disso. A motivação mobilizada no projeto se apresenta como um sucesso é evidente. A pesquisa em questão pode ser resumida por esta questão:

- Como o indivíduo reconfigura o que aprende a partir do que ele está vivendo?

3 A METODOLOGIA E O SEU DESENVOLVIMENTO

Para preparar as entrevistas elaborei um roteiro metodológico escolhendo primeiro as perguntas que eu faria aos jovens em formação durante as entrevistas individuais. Eu marquei um encontro com eles por intermédio da equipe para evitar interromper a organização da formação. Afim de me inserir em uma prática habitual para todos, participei do café da manhã com eles como forma de iniciar meu contato. A primeira reunião foi realizada antes das entrevistas com um grupo de seis jovens e toda a equipe (o gestor, o cozinheiro instrutor, o professor, uma assistente social e três educadoras). Assim, o café foi o ponto de partida do encontro o que vai ao encontro da abordagem escolhida, a qual

⁴ « As temporalidades, se são bem vividas e variadas, se ligam às formas de experiências temporais que tocam níveis diferentes da experiência humana. A distinção clássica macro/meso/micro nos autoriza a conceber as temporalidades em contato direto com os processos sociais e culturais nas suas dimensões ao mesmo tempo individuais e coletivas. Situar esses processos sob posições temporais distintas não impede de as «vê-las viver» em interação permanente ao seio de dinâmicas temporais individuais” (ROQUET et al. 2013, p. 14).

pressupõe que o pesquisador tenha o encontro com os sujeitos dentro do local de formação, sem mudar o cotidiano de jovens e dos profissionais.

Após esta primeira etapa, as entrevistas duraram em média quarenta minutos, o que é um tempo importante tendo em vista o contexto e a dificuldade dos formandos de falarem com uma pessoa estranha.

As perguntas focalizaram especificamente a formação. Ao longo das entrevistas usava como recurso para estimular o dialogo o relance de uma palavra, uma frase pronunciada ou pedia uma redefinição do que foi mencionado.

O gravador era o único objeto entre a pessoa e eu. Concentrei-me em seguir os olhares dos jovens, permitindo que eles se sentissem confortáveis, espontâneos, confiantes a partir de um olhar particularmente benevolente, que buscava expressar gratidão por aceitarem se engajar nessa troca e que os acolhia com algumas palavras confortantes e tranquilizadoras em momentos específicos das entrevistas.

Eu entrevistei duas a três vezes cada pessoa. Na verdade, certifiquei-me de conhecer jovens adultos no começo, no meio e no final da sua formação. A última entrevista foi realizada no dia dos resultados do exame para a obtenção do certificado.

A todo momento estava sendo guiada pelas perguntas que buscava responder e compreender; a saber: como eles se engajam no processo de formação? O que eles aprendem na formação?

Esses detalhes sobre o contexto da coleta de material são importantes do ponto de vista ético e científico⁵.

Quando finalizadas as entrevistas realizei a retranscrição. Esse momento me permitiu resuscitar os discursos com distanciamento. Em seguida, fiz a interpretação na perspectiva da pesquisa biográfica, baseando-me na metodologia descrita por Delory-Momberger (2014, p. 89-91)⁶, que concerne na interpretação dos esquemas de ação. Não vou mencionar nesse artigo a análise as outras fases da interpretação da metodologia: "... esquema de ação que as narrativas colocam em ação, ou seja, a atitude recorrente na sua

⁵ « Me parece importante no plano ético, mas também para assegurar a coerência da xxxx científica de dar os detalhes do método de coleta” (MARCHAND, 1988, pp 32-33).

⁶ A primeira categoria se refere às formas do discurso : ela se interessa pelo recurso dos informantes no que se refere aos diversos modos de informação discursiva (narrativo, descritivo, explicativo, avaliativo) e as relações que se estabelecem entre elas [...].A terceira categoria é dos motivos recorrentes ou ‘topoi’ (do grego ‘topos’, lugar comum) que tematizam e organizam as ações da narrativa e que se apresentam nela como os lugares de conhecimento e as chaves de interpretação do vivido (sobre os quais o narrador não é necessariamente consciente). É particularmente na escrita desses ‘topoi’, desses lugares privilegiados, que os narradores constroem um sentimento deles mesmos e de suas formas próprias [...] A quarta categoria trata da gestão biográfica, dos ‘topoi’ em função da realidade sócio-individual: essa entrada concerne à confrontação e à negociação entre ‘topoi’, os dispositivos e recursos efetivos (pessoais e coletivos) e as restrições sócio-culturais” (DELORY-MOMBERGER, 2014, 89-91).

relação com as situações, com os eventos e o modo como agem e reagem". Entre esses padrões de ação, podemos distinguir:

- Ação estratégica que se caracteriza por uma atitude de planejamento e negociação vinculada às representações e posições profissionais relativamente asseguradas;
- Um agir progressivo caracterizado por uma atitude de exploração das situações e de construções progressivas;
- Um agir que leva em consideração o risco na qual o indivíduo procura conciliar opções de trabalho com interesses ou talentos pessoais;
- Um agir atento em relação aos riscos no qual o indivíduo está em posição de espera e se adapta às circunstâncias.

Essa categorização é observável segundo a organização da narrativa e também no nível do léxico relacionado à ação (uso dos verbos específicos). As passagens deliberativas também constituem um lugar de escrita e da observação desses esquemas de ação.

Os discursos foram também analisados afim de colocar em evidência sua forma, seja narrativa, explicativa, descritiva, argumentativa, avaliativa e em seguidas as entrevistas foram interpretadas uma a uma para apreender os modos de ação dos participantes.

4 OS ENTREVISTADOS E AS ENTREVISTAS

Como material de pesquisa selecionei cinco entrevistas no total. Tratam-se de quatro homens e uma mulher que têm entre dezessete e vinte anos de idade. Todos cometeram delitos e/ou atos criminais. Dois escolheram ser acolhidos nesta formação. Para os outros três a medida foi imposta pelo juiz que decidiu enviá-los em formação como ultima alternativa. Os três jovens tiveram a possibilidade de escolher nesta audiência entre ir para a prisão para cumprir suas penas não realizadas ou de integrar a formação para "sair" da espiral em que eles estavam há muito tempo.

Todos são, portanto, submetidos à decisão de um juiz. Os atos cometidos são frequentemente de extrema violência física sobre outras pessoas. Eles podem viver perto do serviço ou vir de lugares distantes. As cinco pessoas são de origens diferentes. Duas delas são francesas (cidadãos franceses, sem descendência estrangeira imediata e não fazem parte da imigração recente), os outros dois são de origem africana e um magrebina. Três sempre viveram na França.

Três deles são filhos de pais divorciados e não têm nenhuma ligação com os mesmos. Os outros dois têm ambos os pais sob o mesmo teto e estão em conflito aberto com eles. Dois deles sofreram sérias situações de maltratos. Todos esses aspectos foram declarados durante as entrevistas pelos próprios jovens. Nenhuma informação foi transmitida pelos profissionais.

O levantamento das informações é uma fase delicada, pois depende de um encontro. Como Franco Ferrarotti explica (FERRAROTTI, 2013), o encontro de dois mundos causa, muitas vezes, tensões que são um obstáculo à obtenção das informações: "Cada entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; refere-se ao carisma e poder social das instituições científicas nas classes subalternas, evocando as reações espontâneas de defesa"⁷ (FERRAROTTI, 2013, pp. 54-56). Levando em consideração o público alvo, essa dificuldade, a priori, estava aumentada. Identifiquei que muitos estudantes de doutorado, em seminários, ficavam surpresos com a facilidade de acesso que tive às narrativas dos participantes. Eles identificavam que os jovens prontamente se expressaram.

Compreendi, portanto, que o saber do entrevistador, seu posicionamento pode evitar ou atenuar tensões, os problemas de hierarquias e das instituições.

O saber sobre o que será desenvolvido, minha experiência de educadora especializada e formadora, relacionado a uma metodologia, permitiu-me obter estes resultados. Por exemplo, todas as manhãs, os jovens têm o hábito de tomar café da manhã junto com a equipe dentro do serviço de formação. Fui convidada a vir naquele momento sem que os jovens tivessem ouvido falar de mim de antecipadamente. Essa decisão foi realizada anteriormente entre a equipe e eu. Uma vez terminado o café da manhã, um educador pediu aos alunos que ficassem comigo por um tempo, para que eu pudesse explicar o motivo da minha presença. Eu não falei muito. Eu não disse que eu era uma estudante de doutorado, que eu estava envolvida em uma instituição. Também não mencionei o aspecto científico do meu trabalho. Além disso, minha presença no lugar do aprendizado demonstra meu movimento em ir ao seu encontro. Imediatamente disse a eles que gostaria de encontrá-los e que fazia questão desse encontro, o que aconteceria na estrutura que eles conhecem bem e na qual eles se desenvolvem diariamente.

Salientei que ia agir em meu próprio nome. Eu não era ou representava nenhum poder institucional. A sinceridade do entrevistador, sua capacidade estabelecer o contato

FERRAROTTI, F. Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les sciences sociales. Paris, Téraèdre, 2013, 1981, p 54-56.

com os outros também desempenha um papel. Construir um espaço de confiança é um fator que não deve ser negligenciado.

Expliquei que também estava em formação e que queria conhecer os pontos de vista deles sobre a formação que estavam vivenciando. Queria ouvir as histórias deles sobre o que estavam passando na formação e como esta acontecia. Insisti que tudo seria anônimo, que nossas entrevistas seriam individuais e confidenciais. Lembrei que os pontos essenciais eram encontros para trocar os pontos de vista sobre a formação que estavam fazendo, que eles podiam falar sem medo, que de um lado suas palavras seriam transmitidas para a equipe e de maneira mais geral em publicações. Todos eles foram favoráveis, indicando que "consideravam" interessante nosso interesse em escutar seus pontos de vista.

As entrevistas começaram imediatamente. Quando voltei para a continuação das mesmas, sabendo que eu realizaria entre duas e três por pessoa, eles ainda estavam mobilizados para participar e todo o tempo continuaram interessados.

É importante salientar que apesar de todo o rigor e cuidado para a realização dessas etapas de encontro e de partilha das narrativas, o pesquisador não deve ter a ilusão de estar em busca de um discurso "verdadeiro e autêntico".

5 DISCUSSÃO

Christine Delory-Momberger explica sobre a entrevista de pesquisa biográfica em suas duas dimensões⁸: a obtenção das narrativas e a interpretação. A partir da minha experiência de pesquisa identifico três que chamo de fases de construção.

A primeira refere-se à construção das narrativas, na qual a subjetividade mostra-se em evidência, pois, como visto, depende da expressão de um saber e de um estar presente em relação próprios à cada pessoa e que não podem ser avaliados cientificamente.

A segunda é o distanciamento obtido pela transcrição. Vale ressaltar que quando a transcrição é feita por um terceiro a fim de "ganhar" tempo, o pesquisador perde um momento essencial para seu processo de análise e interpretação. Na verdade, uma segunda escuta das entrevistas permite entender os elementos presentes de outra maneira. Ao escutar as narrativas construídas, não estamos mais na mesma posição que estávamos durante as entrevistas. Nesse momento permaneço muito concentrada na minha questão

⁸ «Nós podemos em seguida tratar as questões de método em dois níveis: aquele da recolha dos dados: a partir particularmente da "entrevista de pesquisa biográfica"; como também mediante às "análises dos dados", em outras palavras, pelos modelos de leitura e de interpretação dos documentos obtidos» (DELORY-MOMBERGER, (2014, p. 73).

pesquisa e, segundo as respostas, posso melhor refletir sobre a sequencia da conversa que proporei ao entrevistado. Ao transcrever não tenho que me preocupar com a entrevista. O recuo permite a passagem de um momento para o outro. A transcrição dá a oportunidade, no momento de ouvir, de ter acesso ao discurso como um todo. Ouço também os intervalos, as respirações, as risadas, as entonações, as palavras não pronunciadas, para resscutar as trocas, a discussão

Esta fase é intermediária entre o momento em que expressam as subjetividades e o seguinte, que se pretende científico, analítico e objetivo e que almeja alcançar o objetivo desejado. A terceira fase é a parte da interpretação baseada em uma metodologia com seus pressupostos bem definidos e reconhecidos.

A fase intermediária de retranscrição não é necessariamente considerada como sendo uma das etapas. Do meu ponto de vista não é apenas um aspecto puramente técnico (a transcrição de um texto gravado em papel). Além disso, um certo número de pesquisadores recorre a profissionais que realizam este trabalho e negligenciam, na minha opinião, de fato, essa fase que identifico como essencial.

No que diz respeito às tensões de que destaca Franco Ferrarotti (2013), elas não se fizeram sentir de maneira flagrante nos momentos em que os jovens estavam face a face comigo. Na verdade, observei que eles se engajaram com grande facilidade e com interesse, tendo se certificado de antemão que o quadro é suficientemente seguro. No entanto, consegui identificar algumas tensões. Para as três pessoas, cujo curso foi imposto pelo juiz e sob a ameaça de colocar em pratica suas condenações, a tensão se evidenciava. Como no caso de J.F, durante sua primeira entrevista, ele entra na sala e quando vê o gravador ele exclama que esse objeto lembra da custódia judicial na delegacia de polícia.

L.C no final da entrevista expressa seu sentimento fazendo uma volta de 180 graus em si mesmo, dando um grande suspiro. Ele também diz aos educadores que ele teve a sensação de realizar a primeira entrevista psicológica de sua vida. Trata-se, naturalmente, de seus próprios sentimentos e suas representações.

D.B me pergunta várias vezes se suas observações permanecerão confidenciais, especialmente em relação ao fato de que ele pratica boxe de alto nível. Os outros dois entrevistados não fizeram comentários. Eles ficaram muito à vontade nos encontros e em relação às perguntas.

O fato de que os cinco entrevistados não colocarem barreiras em relação a expressão de suas narrativas; explicando todos os assuntos que compõem suas vidas, sugere que quando “chegamos” sem focalizar o peso da "instituição" não sentiram necessidade de adotar uma defesa. A representação institucional não é central nesta

perspectiva de pesquisa e no modo como a entrevista transcorre. Penso que isso poderia ter sido um obstáculo para a obtenção das narrativas.

A interpretação biográfica exige um trabalho longo e meticuloso que não pode ser praticado em grandes amostras, por isso foram realizadas cinco entrevistas. Neste contexto, devemos estar particularmente atentos aos modos de obtenção dos materiais de pesquisa. Como é um universo pequeno de pesquisados, deve ser suficientemente representativo. É por isso que é importante que o encontro não valorize um certo tipo de pessoa em detrimento dos outros. Devemos, de fato, esforçar-nos por não escolher, mesmo involuntariamente, um tipo de entrevistado, mas ir ao encontro de cada indivíduo para criar as condições mais favoráveis para a expressão de seu discurso. É por isso que priorizei focalizar esse aspecto nesse artigo, sobre a importância do encontro.

6 CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi colocar em evidência dois momentos fortes da pesquisa biográfica que são o encontro e a retranscrição das entrevistas.

O encontro tem sido alvo de muita atenção dos pesquisadores. Por outro lado, as etapas que o precedem e o envolvem não são frequentemente abordadas, ao passo que influenciam necessariamente a "qualidade" da narrativa que será obtida do entrevistado. De fato, propiciar condições para a narrativa do entrevistado aumenta as chances de ter acesso ao discurso menos contido, mais liberado, mais profundo e mais elucidativo a ser compreendido pelo pesquisador durante suas análises e interpretações. O tempo e as condições do encontro entre o pesquisador e o entrevistado determinam, em parte, a continuação da pesquisa, e isso é ainda mais verdadeiro quando há uma desconfiança em relação às instituições cujo pesquisador pode encarnar como representante. Para além do seu saber ser e da sua sinceridade, não teorizáveis, seu posicionamento no encontro e um distanciamento das instituições que supostamente representa parecem oportunas. Também é importante não se mostrar involuntariamente seletivo em relação ao encontro, de modo a não excluir certos perfis de pessoas do campo de pesquisa.

A fase de transcrição das entrevistas não deve consistir apenas em copiar o discurso por escrito, passando da gravação de som para o suporte escrito. Nesse estágio, não se trata de retranscrever uma fala inerte, mas de apreender as sutilezas, ritmos, hesitações e entonações, para apreender o sentido que pode dar a oralidade e que não parece atingível pela escrita. O pesquisador deve, de fato, levar em conta todo o material extralinguístico, isto é, tudo o que não é dito através de palavras, o que ele tem.

Esta forma de entender este passo é incompatível com a retranscrição automática via software ou aquela realizada por terceiros. É importante que o pesquisador esteja imerso nas sutilezas da matéria-prima que é invisível após a transcrição por escrito. Nesta perspectiva ouvir atentamente a gravação da conversa é essencial.

O elemento básico da pesquisa biográfica é o discurso proferido por uma pessoa que o pesquisador entrevista. A riqueza do encontro e, depois, a transcrição dessa palavra são dois momentos-chave que determinam a qualidade do material, razão pela qual o pesquisador deve se esforçar para preservá-lo de toda e qualquer alteração.

REFERÊNCIAS

DELORY-MOMBERGER, C. **De la recherche biographique en éducation**. Paris : Édition Téraèdre, 2014.

FERRAROTTI, F. **Histoire et Histoires de vie**, Paris: Librairie des Méridiens, trad. fr. de Modak, M, (Storia e Storie di vita, Bari, Laterza, 1981), 2013.

JULIEN, F. **Du « temps »**. Édition Grasset, Paris, 2001.

_____. **L'écart et l'entre**. Paris: Leçon inaugurale de la Chaire sur l'altérité. *Galilée, Paris*, 2012.

MARCHAND, S. De la parole échangée au texte scientifique. In **bulletin de l'association française des anthropologues**. *Chercheurs et informateurs*: Tome 1, n°32-33, septembre-décembre 1988, p. 21-33.

ROQUET, et al. **Temps, temporalité et complexité dans les activités éducatives et formatives**. Paris : Edition l'Harmattan, 2013.